A AVOSIDADE E O PARADOXO RELACIONAL: CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS

AVOSITY AND THE RELATIONAL PARADOX: PSYCHOANALYTIC CONTRIBUTIONS

AVOSITY Y LA PARADOJA RELACIONAL: CONTRIBUCIONES PSICOANALÍTICAS

*Ingrid Fernandes dos Santos**

*Katia Cristina Tarouquella Brasil***

RESUMO

A avosidade se constitui em um laço de parentesco que adquire uma função parental na medida em que os pais são ausentes ou impedidos de exercerem tal função. À luz das contribuições psicanalíticas, será discutido um caso clínico em que diante do luto da morte de um filho, uma avó assume a função parental do neto. Constatou-se o paradoxo relacional que perpassa esta relação e que aparece nas situações antagônicas e contraditórias com as quais o sujeito tem que lidar, a saber, assumir a função parental inadiável em relação ao neto e lidar, ao mesmo tempo, com um trabalho de luto frente à situação trágica da morte de um filho. Contudo, é este paradoxo que convoca esta mulher a se manter investida na vida, através de uma possibilidade de transformação psíquica ao exercer a parentalidade frente ao trauma vivenciado.

Palavras-chave: Parentalidade; Vínculo; Paradoxo; Avosidade; Trabalho de luto.

ABSTRACT

Grandparenthood is a kinship bond that acquires a parental function to the extent that the parents are absent or prevented from exercising such a function. In light of psychoanalytic contributions, a clinical case will be discussed in which, faced with grief over the death of a child, a grandmother assumes the parental role of her grandson. The relational paradox that permeates this relationship and that appears in the antagonistic and contradictory situations with which the subject has to deal was noted, namely, assuming the unavoidable parental role in relation to the grandson and dealing at the same time with the work of mourning in front of to the tragic situation of the death of a

*Psicóloga e Mestranda do Programa de Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília - https://orcid.org/0000-0003-0189-7334

**Professora do Departamento de Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília - https://orcid.org/0000-0002-3988-0784

child. However, it is this paradox that calls on this woman to remain invested in life, through the possibility of psychic transformation when exercising parenthood in the face of the trauma experienced.

Key-words: Parenting; Bonding; Paradox; Avosity; Mourning work

RESUMEN

La abuelidad es un vínculo de parentesco que adquiere una función parental en la medida en que los padres están ausentes o impedidos de ejercer dicha función. A la luz de los aportes psicoanalíticos, se discutirá un caso clínico en el que, ante el duelo por la muerte de un hijo, una abuela asume el rol parental de su nieto. Se observó la paradoja relacional que permea esta relación y que se manifiesta en las situaciones antagónicas y contradictorias que el sujeto tiene que afrontar, a saber, asumir el ineludible rol parental en relación con el nieto y ocuparse al mismo tiempo del trabajo del duelo ante la trágica situación de la muerte de un niño. Con todo, es esta paradoja la que llama a esta mujer a permanecer comprometida con la vida, a través de una posibilidad de transformación psíquica al ejercer la parentalidad frente al trauma vivido.

Palabras clave: Parentalidad; Vínculo; Paradoja; Abuelidad; Trabajo de duelo.

1 INTRODUÇÃO

Ao abordarmos a relação entre avós e netos, vale a pena destacarmos as transformações familiares e o contexto social atual. As mudanças na expectativa de vida e o aumento da longevidade propiciou que os avós pudessem assumir novos papéis na família e conviver com os netos, o que acarretou em uma modificação do lugar dado à velhice (Pinto, Arrais & Brasil, 2014). Se outrora a velhice esteve associada à incapacidade e dependência, as mudanças do lugar do idoso na sociedade propiciaram que hoje os avós estejam muito mais participativos e enredados na dinâmica familiar (Figueiredo, Araújo & Amante, 2022). Vale destacar que a vida ativa dos indivíduos vem se prorrogando e, cada vez mais, há pessoas idosas inseridas em atividades sociais, econômicas e profissionais (Pais, 2013). O que reflete, dessa forma, em uma mudança significativa na dinâmica da sociedade atual.

A avosidade se refere a um lugar ocupado por adultos em uma

"transmissão entre as gerações, especialmente na relação avós/netos, na qual ocorre por processos psíquicos inconscientes constituintes de subjetividades" (Sampaio, Pereira, Osório & Neto, 2021, p. 24565). Neste sentido, os autores colocam que a construção do conceito de avosidade se deu a partir do aumento da expectativa de vida que desencadeou uma melhor relação entre avós e netos e uma maior influência intergeracional nos quais os avós passaram a dispor na relação e criação dos netos. Assim, os avós entram em cena na sociedade contemporânea como parte essencial nas dinâmicas familiares e na relação com os netos. Desse modo, é possível suscitar algumas indagações: quais mudanças na sociedade contemporânea têm trazido os avós para ocupar a cena da função da parentalidade em relação a seus netos? Como se estrutura essa função parental exercida pelos avós?

Mudanças na sociedade como aumento da expectativa de vida, mulheres e mães cada vez mais inseridas no mercado de trabalho, novas configurações familiares, valorização da infância, dentre outras (Gomes & Zanetti, 2009; Gorin, Mello, Machado & Féres-Carneiro, 2015; Lacerda, 2020), convidam aos avós, pais dos pais, cada vez mais exercerem funções relacionadas ao cuidado, inserindo esses avós também em uma função parental em relação aos netos.

Gutton (2006) define a função parental como um conjunto de processos psíquicos que se relaciona com as experiências de tornar-se pai ou mãe de alguém e que atravessa um desejo de ter um filho. Esses processos psíquicos ocorrem tanto em um nível consciente, relacionado com os cuidados cotidianos da criança, quanto a um nível inconsciente, atravessados pelas próprias histórias, fantasmas, traumas, que aparecem na reorganização psíquica em relação a um outro. Essa função parental coloca o termo parentalidade em jogo e abre caminhos para se pensar sobre o "tornar-se pai e mãe" (Zornig, 2010) e no caso de parentalidade exercida por avós, tornar-se avós na função parental. Sendo assim, a função parental ultrapassa os limites biológicos e envolve questões complexas que os cuidadores terão de enfrentar, bem como modificações psíquicas importantes (Houzel, 2003).

A parentalidade e vínculo entre avós e netos foi tratado em vários trabalhos (Charazac & Charazac-Brunel, 2020; Deus & Dias, 2016; Rombaldi, 2013; Silva, 2014). Nessa relação, esse vínculo se constrói tendo uma geração no meio, a dos pais, e favorece uma inscrição do sujeito em uma cadeia genealógica e em um pertencimento familiar (Gomes & Zanetti, 2009, Ramos, 2017). No entanto, o desafio é justamente quando esses

avós, por alguma imprevisibilidade da vida, precisam assumir os papéis de cuidado em relação aos netos pela função da parentalidade.

Diversas são as situações em que os avós são solicitados a assumir a função parental em relação aos netos e isso significa assumir os cuidados parentais. No entanto, assumir essa função nem sempre é uma escolha, pois em algumas situações os pais encontram-se em dificuldade para desempenhar a função parental. Estudos evidenciam que as principais condições em que os avós assumem os cuidados integrais dos netos são: situações de violência ou de negligência dos genitores, pais adolescentes, dependentes químicos, pais com deficiência física ou mental e falecimento de um ou de ambos os pais (Deus, & Dias, 2016; Mainetti, & Wanderbroocke, 2013; Rombaldi, 2013; Wu et al., 2021). Cabe salientar que quando se trata de assumir os cuidados parentais dos netos, essa tarefa fica, na maioria das vezes, a cargo das avós, reflexo da função de cuidado ter sido historicamente atribuída às mulheres na sociedade. Dessa forma, diante das situações em que os pais estão impossibilitados para assumirem a parentalidade, comumente esse lugar é assumido pelas avós, reforçando uma questão de gênero que permeia essa parentalidade (Mainetti, & Wanderbroocke, 2013, Ramos, 2017).

As situações em que as avós são convocadas a assumirem esses cuidados são geralmente relacionadas a situações negativas e dolorosas, de modo que exigem um trabalho de transformação e elaboração psíquica para elas. Essa parentalidade, ao mesmo tempo em que inscreve o sujeito em um pertencimento familiar através dos vínculos, evidencia os aspectos traumáticos e não elaborados que também comparecem nesse vínculo (Gomes & Zanetti, 2009), tendo em vista que a parentalidade exercida pelos avós denuncia a impossibilidade dos pais exercerem a função parental.

Reconhecendo que é cada vez mais frequente que os avós estejam inseridos um uma função parental em relação aos netos, este estudo discute a parentalidade exercida pelas avós e o paradoxo relacional que se instaura a partir de uma situação imprevista e trágica em que uma avó, devido ao falecimento do seu filho, escolheu assumir os cuidados parentais do neto em função desse trágico fato. Embora existam estudos que apresentem e discutam a parentalidade exercida por avós, o paradoxo na relação avós e netos diante de uma situação trágica ainda constitui uma temática pouco evidenciada na literatura e carece de mais discussões.

1.1 Função parental exercida pelos avós

A função parental relaciona-se com uma experiência de subjetividade parental, caracterizada por processos psicológicos atravessados por uma ordem inconsciente e consciente daqueles que exercem essa função. Inconscientemente, há fantasias e experiências passadas que comunicam-se com a experiência da função parental atual e, conscientemente, há ações com objetivo de cuidar dirigidas à criança (Gutton, 2006). Essa subjetividade parental comparece na relação entre o adulto e a criança, permitindo que a criança se situe em relação a seu grupo familiar e a seu pertencimento a uma família. A experiência subjetiva dos que exercem a função parental também é marcada por um desejo em torno da filiação que se manifesta em maior ou menor grau nos valores e nas condutas transmitidas para os filhos. Naqueles que exercem a parentalidade, há uma estrutura psíquica parental que possui objetivos, idealizações e desejos narcísicos criados a partir da subjetividade de cada um e que são depositados nos filhos interferindo diretamente no desenvolvimento psíquico da criança (Veludo & Viana, 2012).

A relação entre o adulto e a criança é atravessada por um investimento permeado por um desejo daqueles que atuam na função da parentalidade. Este desejo encontra-se com as mais diversas fantasias inerentes à própria infância e também ao cuidado parental que tiveram nos anos iniciais (Zornig, 2010). Contribuindo com essa discussão, Scremin e Bottoli (2016) abordam que a parentalidade é construída a partir da própria história de vida e da experiência relacional com os cuidadores. Por sua vez, Mello e Santis (2015) indicam que o processo de assumir a parentalidade de alguém inicia-se na infância, uma vez que há aspectos internalizados de identificações construídas nas relações com os pais. Ao assumir a parentalidade, o sujeito entra em contato com a sua própria história infantil, mas também com os aspectos da vivência com o filho, havendo uma íntima relação entre passado e presente.

Outra questão importante de ser destacada, é que o núcleo familiar nem sempre é compartilhado por pessoas que possuam uma vinculação biológica, visto que a filiação biológica está relacionada a uma transmissão do material genético entre os genitores e seus filhos. Contudo, a relação que se estrutura na parentalidade pode também se estabelecer por vínculos de pertencimentos e de filiação por alianças (Houzel, 2004), mas também há um processo de filiação legal ou instituído pelas inscrições simbólicas oficiais, como a certidão de nascimento. Nesse processo, denominado de processo de parentificação, acontece um amadurecimento de se reconhecer como pai/mãe de alguém para torna-se um/uma, e envolve

modificações psíquicas importantes e até mesmo o perigo a um risco psíquico nesse processo (Houzel, 2010).

Ao assumir as funções parentais dos netos, os avós são convocados a um trabalho psíquico, tendo em vista o novo lugar ocupado, a saber, remanejar-se da posição de avós para assumir uma posição demandada pela função da parentalidade como adulto responsável pela sobrevivência da criança. Freud no texto "As Pulsões e Seus Destinos" (2013) destaca o trabalho psíquico como o movimento que o sujeito tem que fazer diante do excesso de excitação e energia psíquica decorrentes da pulsão com objetivo de afastar-se da angústia e do desamparo. Esse excesso de excitação gerada, ultrapassa os limites do psiquismo e necessita encontrar um objeto de destino, o que caracteriza o trabalho psíquico. Neste sentido, o caso clínico apresenta uma avó que, ao assumir a função parental, é demandada a um trabalho psíquico diante do excesso de energia psíquica que necessita ganhar um novo destino, portanto, ela precisa lidar com um novo lugar e com uma situação inesperada que a colocou na posição parental.

A função parental exercida pelos avós possui algumas características particulares de outros adultos que exercem essa função, pois inscreve a criança dentro de um pertencimento familiar, de uma genealogia e através de uma história familiar. Ao mesmo tempo que denuncia uma falta e uma ausência de que houve uma falha parental de um lugar que não foi sustentado. A falha parental também foi evidenciada no trabalho proposto por Pinto, Arrais e Brasil (2014), neste estudo, uma avó assume o lugar da parentalidade e o apoio parental a uma adolescente que não encontrava esse suporte na mãe, que mesmo presente fisicamente, não assumia o lugar da parentalidade.

O fato de assumir a função da parentalidade e de ser avô/avó exige uma elaboração das vivências de ser pai e de ser filho e coloca o sujeito a uma reorganização psíquica traduzida na tentativa de organizar-se psiquicamente em função de ser avós e exercer uma parentalidade diante da falha de um adulto que deveria ocupar-se de tal função (Pinto, Arrais & Brasil, 2014). Essa reorganização psíquica consiste em dar um novo significado à experiência de serem avós e de serem pais. Sendo assim, uma mudança da avosidade para a parentalidade é atravessada por diversas significações subjetivas, sociais e culturais e sucede a partir de um fato biológico como o nascimento dos netos. Mas, exige que seja realizado um trabalho psíquico de ressignificação do lugar esperado para avosidade na família a um lugar de sustentação parental (Lima & Junior, 2014). Dessa

maneira, quando se fala em parentalidade exercida pelos avós, vai muito além do papel social de ser ou tornar-se avó, ultrapassa o registro de solidariedade intergeracional e envolve uma nova posição ocupada na família (Gratton & Schneider, 2020).

Exercer a posição parental junto aos netos requer uma conciliação entre a função esperada dos avós e a função esperada dos pais, podendo haver conflitos no exercício de ambas as funções, pois os avós podem desejar serem avós com todas as atribuições culturais da avosidade (Scremin & Bottoli, 2016). O que se espera socialmente dos pais é diferente do que se espera dos avós e a função da parentalidade difere da avosidade. Diante disso, seria possível que esses avós consigam fazer uma conciliação entre esses diferentes papéis sociais e entre as funções da avosidade e da parentalidade? Ou, esses avós precisariam abrir mão de serem avós e da função da avosidade em algum momento? O que pode-se dizer é que a função parental dos avós faz emergir os aspectos da avosidade, do lugar social em que se encontram na família e do cuidado que ultrapassa as definições do que é ser avô ou avó construído socialmente.

1.2 Vínculo na avosidade

A palavra vínculo advém do latim *vinculum* e tem o significado de ligação e união entre uma coisa ou outra. Na psicanálise, o vínculo refere-se a uma realidade psíquica que é compartilhada e que constitui uma intersubjetividade que se origina, se mantém e se fortalece no contato com o outro (Melo, Magalhães, Carneiro & Machado, 2017).

Embora Freud não discorra especificamente sobre a intersubjetividade, este sendo um conceito pós-freudiano, os primórdios da teoria psicanalítica apontam um interesse de Freud sobre aspectos da transmissão e subjetivação, testemunhando que a intersubjetividade influencia na realidade psíquica do sujeito e constitui o vínculo (Kaës, 2011). Dessa forma, Kaës define vínculo como:

> A realidade psíquica inconsciente específica construída pelo encontro de dois ou mais sujeitos. Essa definição pelo conteúdo põe a ênfase na realidade psíquica inconsciente, objeto constitutivo da psicanálise. Ela fica mais precisa com uma abordagem em termos de processo: o vínculo é o movimento mais ou menos estável dos investimentos, das representações e das ações que associam dois ou mais sujeitos para a realização de alguns de seus desejos (Kaës, 2011, p. 159).

O autor sublinha essa realidade psíquica construída inconscientemente no encontro com um outro sujeito e enfatiza o desejo como importante

dentro da movimentação do vínculo, desejo que solicita e que se projeta no outro para que seja realizado. Levisky (2021, p.556) destaca que o vínculo se configura na relação e presença entre os sujeitos, construídos e alicerçados em pactos inconscientes, originados "com função de preencher uma falta, um desamparo originário".

Freud (1926/2014), em "Inibição, Sintoma e Angústia", enfatiza o desamparo como base da condição de subjetividade humana, atravessado pelo conflito dos desejos pulsionais, pelas possibilidades de satisfação e de punição. O desamparo psíquico entra como uma condição que precisa de um outro que, para além das necessidades vitais, teria a função de auxiliar na constituição do sujeito através de uma sustentação psíquica diante desses conflitos. Neste sentido, o desamparo originário caracteriza-se como insuperável pois o conflito sempre existirá, mas também estrutura e funda o sujeito circunscrevendo a forma como serão estabelecidas relações dentro de um laço social. Ou seja, o sujeito liga-se a outro na tentativa de amenizar o sofrimento (Passos, Neves & Menezes, 2018).

A intersubjetividade e o vínculo aparecem como elementos fundamentais no desenvolvimento psíquico nas primeiras relações da criança, no entanto, dentro do contexto familiar mais amplo, o vínculo é tratado por meio de uma transmissão intergeracional (Gomes & Zanetti, 2009; Gutierrez, Castro & Pontes, 2011; Kaës, 2011). À vista disso, Gomes e Zanetti (2009) delineiam que o vínculo dentro do contexto geracional promove uma noção de pertencimento e, a partir do que é transmitido através das gerações, permite uma transformação do material herdado e a construção da própria subjetividade. Kaës (2011) coloca os vínculos como alianças estruturantes que se dividem em básicas e secundárias. As básicas se referem ao vínculo da criança com a mãe, enquanto as alianças estruturantes secundárias referem-se às relações entre as gerações que formam o campo e as bases intersubjetivas da subjetividade. O autor argumenta que essas alianças promovem possibilidades de um espaço psíquico comum e compartilhado ao Eu e podem garantir a transmissão da vida psíquica intergeracional. Essas transmissões, conforme relatam Gomes e Zanetti (2009), podem também ter aspectos traumáticos, negativos e não elaborados que também são repassados como heranças.

A transmissão psíquica intergeracional estrutura e consolida o vínculo na relação entre avós e netos. Nesse processo, os vínculos de parentesco e os vínculos de afetos existentes nessa relação se entrelaçam e favorecem um legado geracional, identificações e pertencimentos (Ramos 2017; Silva, 2014). Quando avós assumem a parentalidade, o vínculo pode

ganhar contornos diferentes. Em um primeiro momento, há a transmissão psíquica intergeracional através de alianças estruturantes secundárias, conforme coloca Kaës, pois os avós, antes de estarem na função parental, estão na função de avós. Porém, ao assumir a função parental junto ao neto, os avós entram como figuras que auxiliam o desamparo da criança. Desamparo que acontece tanto em relação a um aspecto biológico, no direcionamento dos cuidados cotidianos, quanto a um desamparo psíquico, conforme Freud (1926/2014) destacou. Esse desamparo favorece que o sujeito estabeleça vínculos dentro de um laço social e busque no outro, através de um movimento de desejo, diminuir o sofrimento que pode assumir contornos traumáticos diante de situações trágicas.

1.3 Trauma, trabalho de luto e paradoxo

Freud, no início de sua obra, interessou-se em estudar os eventos do trauma a partir da clínica da histeria. No texto "Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Histéricos: Comunicação Preliminar", em conjunto com Breuer, Freud (1893/1980) traz sobre uma ligação entre trauma e histeria em que a lembrança do evento traumático desencadearia uma dor psíquica que seria lembrada na consciência. Nesse sentido, Freud destaca "que o trauma psíquico ou, mais precisamente, a lembrança do mesmo age como um corpo estranho que ainda muito depois de sua penetração deve ser considerado um agente atuante no presente" (Freud, 1893/1980, p.23). Desse modo, o trauma ganha contornos atemporais, sendo seus resultados, a um nível psíquico, presentes mesmo depois do evento traumático em si.

Mais tarde, Freud (1926/2014) no texto "Inibição, Sintoma e Angústia" delineia que os estados afetivos a partir do trauma, evidenciados na angústia, podem aparecer nas manifestações sintomáticas. Assim sendo, uma situação traumática se daria a partir de uma vivência de desamparo em que o Eu não consegue lidar com uma carga de excitação excessiva, determinando a angústia (Coelho, 2020). Birman (2022) enfatiza uma defesa do aparelho psíquico aos eventos que podem ocorrer, essa defesa teria um caráter transformativo de uma estrutura que a princípio seria de uma lógica invisível para uma lógica visível e de algo indizível em algo dizível. Assim, haveria uma transformação do conteúdo psíquico dos eventos traumáticos em conteúdos que podem ser traduzidos de forma que o sujeito poderia melhor suportar. Maldonado e Cardoso (2009, p.46) lembram que o trauma se coloca "como um afluxo pulsional excessivo, sobrepondo à capacidade do psiquismo de ligá-lo e elaborá-lo." Ou seja, o

evento traumático estaria fora de uma representação psíquica o que ganha contornos irreparáveis e se apresentaria como algo indizível e inenarrável.

Ferenczi contribui substancialmente para os estudos de trauma dentro da teoria psicanalítica, ao fundamentá-lo como consequência de traumas primários, originados na infância em razão das respostas inadequadas do adulto, muito ausente ou muito presente, diante das situações de angústia da criança. No texto "Diário clínico", Ferenczi (1932/1990) destaca que diante de uma situação muito intensa em que há ausência de defesas, o ego precisa se defender de uma maneira autoplástica, ou seja, modificando a si mesmo através de fragmentações. Essa seria uma tentativa de apagar os eventos acontecidos através de uma clivagem do ego, ou seja, uma parte do ego é destruído, a saber, a parte insuportável da experiência traumática.

Neste sentido, a morte de alguém próximo pode ter seu aspecto traumático e exigir uma elaboração da situação através de um trabalho de luto. Sendo assim, Freud em sua obra "Luto e Melancolia" (1917/2010, p.171) aborda o luto como "a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc". Freud destaca a ideia de trabalho de luto em um sentido de transformação e nesse processo de luto o sujeito encontra dificuldades em se desvincular do objeto da libido e se desconectar da ligação erótica relacionada àquela pessoa. Dessa maneira, o luto mobiliza uma intensa energia psíquica, ocupando o ego nesse processo. Como aponta Magdaleno Júnior: "O sujeito vive um processo que poderia mesmo ser considerado um adoecimento, caso não fosse tão corriqueiro e natural, pois, durante ele, grande parte da energia psíquica disponível fica ocupada nessa dedicação exclusiva ao objeto perdido" (Magdaleno Júnior, 2016, p.278). Nessa perspectiva, situações de luto precisam passar por um caráter de transformação psíquica para que a libido seja retirada do objeto amado que não existe mais, e o eu fique "novamente livre e desimpedido" para o investimento em um novo objeto (Freud, 1917/2010, p.174).

A questão do trabalho de luto fica mais complexa quando, concomitantemente, ele aparece dentro de um exercício de parentalidade repentino e não planejado. Quando avós assumem a parentalidade em razão de uma situação trágica, como a morte de um filho, esse trabalho ganha contornos mais enigmáticos. Assim, no contexto do luto, em que um dos filhos morre, os avós precisam lidar com a função parental e, ao mesmo tempo, com o trabalho de luto e uma dor psíquica que pode ganhar contornos traumáticos. Esses avós vivenciam uma dupla tarefa: lidar

com a própria dor e angústia, que muitas vezes sobrepõe a capacidade do psiquismo de elaborar e administrar os cuidados parentais a um ser humano em desenvolvimento, o neto. De modo que essa dupla tarefa envolve situações conflitantes e até mesmo antagônicas, instaurando-se então um paradoxo: assumir a função parental de um ser humano em desenvolvimento e lidar com a situação da perda de um filho, como é ilustrado no caso clínico a ser apresentado.

Na psicologia, os estudos sobre paradoxo iniciaram-se com a escola de Palo Alto dentro de uma teoria sistêmica com ênfase nos vínculos. Essa teoria enfatiza um paradoxo comunicacional devido a formas de desvios na comunicação através de mensagens de conteúdos dúbios e que geram conflitos e incertezas (Bateson, Jackson, Haley & Weakland, 1956). Na clínica psicanalítica, o paradoxo aparece nos estudos de Winnicott (1958), o qual chamou de paradoxo fundamental, em que qualidades opostas e contraditórias podem estar no espaço potencial da maturação do bebê. O paradoxo acontece à medida que se inicia uma separação entre mãe e bebê, em que a experiência de onipotência do bebê permite que ele vivencie o desconhecido da separação. Há um processo de simbolização que permite o desenvolvimento da vida psíquica (Rache, 2008).

Villani (1999) delineia uma compreensão sobre um paradoxo original que acarretaria o sujeito em sua angústia. Esse paradoxo corresponde a uma angústia crescente em determinados momentos da vida e que o controle escaparia, mesmo que o sujeito quisesse controlar. Já Roussillon (2005), traz o conceito de "Transferência Paradoxal" destacando o paradoxo que pode incorrer na relação analista e situação psicanalítica. Assim, essa relação é composta por variados dilemas que constituem os processos do quadro psicanalítico e desenvolvem condições de possibilidades de encontrar recursos de representações dos processos constituintes. Figueiredo (2009) delineia o paradoxo a partir de três ângulos fundamentais, destacando o sujeito como um desses ângulos. Dessa forma, o sujeito da psicanálise já carrega consigo uma dimensão paradoxal, visto que o paradoxo está na constituição da subjetividade. Sendo assim, o conceito de paradoxo é sustentado dentro da psicanálise, pois ela objetiva aproximar-se do ser humano, pois o paradoxo corresponde ao próprio movimento do homem (Rache, 2008).

Outra situação de paradoxo envolvendo a avó pode ser identificada no romance grego moderno de Alexandros Papadiamantis (1851-1911) "*Les petites filles et la mort*". Nesse romance, uma avó se dá conta que sempre viveu em servidão em relação à família, pois cuidou de seus filhos e agora

cuida de suas netas em uma posição de servidão. Essa servidão, que atinge as mulheres de modo transgeracional, motiva na avó a morte das netas como a única saída para interromper a servidão imposta à condição feminina na sociedade (Papadiamantis, 1995). O ato de matar as netas instaura um paradoxo, pois esse ato, por mais que carregado de intenções genuínas, ultrapassa os limites do que é saudável e correto socialmente (Menelaou, 2019). Assim, esse romance exibe um outro tipo de paradoxo na relação avós e netos: há uma servidão que se perpetua, ou seja, o paradoxo aparece na servidão por amor que essa avó é colocada diante da família. É certo que a narrativa grega enfatiza intensamente a tragédia do romance. No entanto, nas situações paradoxais de parentalidade frente a situações trágicas, há, analogicamente, o paradoxo da servidão ao neto do qual os avós precisam encarregar-se. Servidão que é agravada pelo peso da situação trágica, mas que também contém amor.

2 MÉTODO

Este trabalho trata-se de uma discussão baseada em um caso clínico desenvolvido a partir de atendimentos psicoterápicos breves de orientação psicanalítica a uma avó que obteve a guarda do neto após o falecimento do filho. O método do estudo de caso na psicanálise está diretamente relacionado à experiência clínica, em que se realiza o atendimento clínico e, após este atendimento, levanta-se o sentido do que sucedera na clínica do caso, caminho marcado por ditos, mas também por não ditos que permeiam o universo da clínica psicanalítica (Guimarães & Bento, 2008). Os autores definem o estudo de caso como "sendo a escrita da clínica analítica, do "pathos", incluindo, além da sua mera descrição, a sua teorização. " (Guimarães & Bento, 2008, p. 93).

Este trabalho seguiu os procedimentos éticos e legais, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília e pela instituição escolar em que os atendimentos foram realizados. Foram obtidas as autorizações necessárias dos participantes e os nomes utilizados aqui são fictícios para preservação das identidades. O estudo de caso apresentado foi decorrente de atendimentos psicológicos realizados por uma das autoras deste estudo.

O caso que será apresentado é protagonizado por uma avó, Maria e seu neto Lucas que foram encaminhados para atendimento a pedido da escola em que Lucas frequenta. Ambos foram atendidos individualmente e em conjunto durante o período entre o segundo semestre de 2020 e o primeiro

semestre de 2022. Os atendimentos tiveram duração de aproximadamente 50 minutos cada, totalizando 26 atendimentos que foram registrados no prontuário dos pacientes. Os relatos das sessões clínicas foram utilizados para a compreensão dos aspectos psicodinâmicos da relação entre a avó e o neto e dos aspectos relacionados à parentalidade exercida pela avó.

Neste estudo serão abordados aspectos psicodinâmicos que surgiram durante os atendimentos realizados, analisados a partir de um raciocínio clínico-qualitativo com embasamento psicanalítico. A memória inconsciente constitui objeto da teorização no estudo de caso e será apresentado aqui inspirado no que foi proposto por Guimarães e Bento (2008), sendo dividido em: escrita descritiva da história e escrita da análise e interpretação, articulando com aspectos da função parental, do vínculo e do paradoxo relacional.

2.1 Escrita descritiva da história - Ilustração Clínica

Maria (65 anos), aposentada, procurou o serviço de atendimento psicológico na secretaria da escola municipal em que seu neto Lucas (5 anos) estudava. A coordenação escolar encaminhou ambos para atendimento psicoterápico breve à psicóloga da rede de educação do município. Maria trouxe Lucas ao atendimento com a queixa inicial de preocupação com o garoto, pois o pai havia falecido há aproximadamente um ano e Maria estava disputando a guarda dele com a "genitora" (termo usado por Maria para se referir a mãe de Lucas). Maria temia que a história da morte do pai de Lucas e a disputa de guarda pudesse trazer repercussões emocionais negativas à criança. Na época do falecimento do pai, Lucas residia com o pai, sua mãe e mais duas irmãs de outro relacionamento da mãe. Após a morte do pai, Lucas morou por alguns meses com a mãe e irmãs, quando Maria percebeu que a mãe de Lucas não estava exercendo os cuidados necessários e entrou com um pedido de guarda judicial. No momento dos atendimentos, Lucas morava com a avó paterna, Maria, e com o avô, enquanto esperava as decisões judiciais de guarda.

Maria teve três filhos, sendo o pai de Lucas o caçula; descreveu ter sido zelosa com a educação dos filhos e por vezes demonstrava firmeza através de castigos e broncas. Maria relatou que o pai de Lucas era o filho mais presente que ela tinha e que a visitava constantemente. Além disso, ele era um pai dedicado e cuidadoso. A morte dele foi uma surpresa para ela, pois ele ainda era jovem e não tinha nenhuma doença. Durante os atendimentos, Maria relatou o quão doloroso foi esse momento.

Maria e Lucas sempre compareciam aos atendimentos no horário marcado. Maria demonstrava uma preocupação intensa com Lucas, era como se Lucas não conseguisse lidar com os acontecimentos da sua vida. A própria queixa inicial de Maria parecia ser uma queixa dela mesma, pois Lucas vivenciava o processo de luto de forma saudável, dentro do esperado para uma criança, apresentando-se emocionalmente estável. Vale destacar que tanto o filho como o neto chamavam-se Lucas.

2.2 A função parental, vínculo e paradoxo

A possibilidade de acolhimento a Maria e ao seu neto Lucas em um *setting* terapêutico propiciou a Maria melhor compreensão dos motivos pessoais para assumir a parentalidade do neto. Maria evidenciava que a razão de querer a guarda do neto era que "*comigo ele fica mais seguro e protegido*", uma vez que, segundo Maria, o que motivava a genitora pela guarda era a pensão a que Lucas tinha direito. Maria trazia em sua fala que a mãe de Lucas pouco se importava com ele, evidenciando uma preocupação: "*ela tem outros filhos que ficam sozinhos em casa, cada dia está com um namorado diferente*", destacando que as trocas constantes de parceiros amorosos da mãe não seriam boas para Lucas.

O desejo de Maria para assumir a parentalidade de Lucas perpassava tanto uma dimensão consciente, quanto inconsciente. Ela relatava o desejo de exercer e suprir os cuidados diários do seu neto e argumentava que poderia realizá-los melhor que a mãe de Lucas. Por outro lado, estar junto ao neto e se ocupar dele, parecia um modo inconsciente de preencher um vazio deixado pela perda do filho.

A partir da escuta clínica de Maria e Lucas, é possível discutir a relação parental e o vínculo que se instaura entre avó e neto frente a uma situação trágica e inesperada como a morte de um filho. O trágico pode ser entendido como aquilo "que traz a morte, a desventura, o calamitoso ou sinistro. Em seu sentido literário significa esplêndido, grandioso, não inteligível, e é geralmente negativo" (Corrêa, 2006, p.41). Dessa forma, a situação do falecimento do filho é uma situação negativa, pode ter contornos trágicos e convoca os integrantes da trama familiar a algum tipo de elaboração.

Diante dessa perda, essa avó assume a função parental de maneira repentina, não planejada e sem tempo suficiente para fazer um trabalho de luto, o que pode caracterizar uma experiência traumática. Desse modo, essa experiência se concretiza tornando-se inevitável quando o sujeito

não consegue se preparar para o pior de forma antecipada, incorrendo na angústia traumática de algo "indizível" e "invisível" que acontece no campo da pulsão de morte (Birman, 2022, p. 195). Essa pulsão de morte incorreria em uma morte psíquica e uma paralisação do trabalho psíquico do eu, provocando dor e destruição. Nesse sentido, pode se dizer que há um paradoxo relacional que acontece na urgência de dar conta dos cuidados parentais impostos diante dessa situação trágica e traumática que torna-se ainda mais emblemática pelo fato dos pais não conseguirem realizar a função da parentalidade originalmente atribuída a eles.

O trauma dentro do contexto familiar é caracterizado por excessos de tensões e abundâncias de excitações que ultrapassam a capacidade de elaboração e de simbolização, motivando lacunas no psiquismo familiar e irradiando para gerações seguintes (Lamanno & Adamo, 2021). Maldonado e Cardoso (2009) relacionam o trauma psíquico com a incapacidade de elaboração da situação, ultrapassando as possibilidades de recalcamento. Os autores ainda enfatizam a estreita relação entre o traumático e o indizível no sentido de que o trauma psíquico deixa marcas inapagáveis na memória e paradoxalmente inenarráveis. Portanto, o paradoxo é trazido na tentativa de contar a experiência trágica, no entanto, essas experiências são impossíveis de serem narradas.

Backhouse e Graham (2013) destacam a dimensão paradoxal de dor e de amor que perpassa os avós ao assumirem a função de cuidados aos netos diante do imprevisto da morte de um filho. Os autores relatam que o amor aos netos e a possibilidade de proporcionar uma vida segura e feliz tem um aspecto gratificante. Por outro lado, há sentimentos de perda, luto, raiva, frustração e tristeza diante da transição repentina ao cuidado parental e dos desafios relacionados a esse cuidado. Dessa forma, é nessa transição repentina que o paradoxo relacional é imposto.

Para ilustrar o paradoxo, tomaremos emprestado, como ponto de partida, o conceito de paradoxo vindo dos estudos sistêmicos da escola de Palo Alto e da teoria do duplo vínculo proposta por Gregory Bateson. Bateson delineia sobre as mensagens paradoxais que se instauram em metamensagens que transitam nas dificuldades de comunicação. O antropólogo discorre a teoria para explicar, através de mensagens enigmáticas e que provocam desorientação, a relação de pacientes esquizofrênicos com a mãe, trazendo um exemplo clássico na frase da mãe: "Vá para a cama, você está muito cansado e quero que você durma". Quando, na verdade, há uma impossibilidade da mãe estar em companhia a essa criança e uma não sustentação da permanência junto ao filho

(Bateson *et al*., 1956). Assim, esse paradoxo ocorre nas relações com os indivíduos em que há a comunicação de sim e não ao mesmo tempo e uma distorção das bases da comunicação que acarreta um diálogo patológico, ambíguo e paradoxal. Em outras palavras, os imperativos da comunicação se excluem mutuamente (Schroeder, 2006).

Roussillon (2005) contribui com essa discussão e aponta o paradoxo a partir dos trabalhos de Winnicott, que permeiam os processos de crescimento e amadurecimento da criança. Esse seria um paradoxo maturacional que possibilita uma continuidade psíquica, favorecendo que as rupturas sejam mais aceitáveis. Contrapondo ao paradoxo maturacional, Roussillon (2005) se refere ao paradoxo da teoria da comunicação de Palo Alto que ocorre em um nível patológico. Nesse paradoxo, há um bloqueio do desenvolvimento harmonioso pois, esses intensificam oposições e constroem dilemas. Assim, a teoria do paradoxo da comunicação pode servir de ilustração para trazer a discussão das mensagens paradoxais em que as situações trágicas, como a morte do filho, podem ocasionar a intensificação de oposições e dilemas e no bloqueio do desenvolvimento harmonioso dentro do vínculo e da parentalidade exercida por avós. Rache (2008, p. 74) sublinha que o paradoxo seria "as dificuldades lógicas ou semânticas que advêm quando uma proposição contradiz a si mesma após ter-se afirmado". Assim, na relação avó e neto, a contradição aparece no aspecto positivo da possibilidade de exercer a parentalidade ao neto e, inconscientemente, estar junto ao filho e, no aspecto negativo do contexto não favorável para o exercício de uma parentalidade. Essas mensagens são antagônicas, contrariáveis, incertas, conflituosas mas, convivem simultaneamente e interferem no vínculo entre avó e o neto.

Ainda que a teoria da dupla vinculação tenha uma perspectiva sistêmica, na psicanálise, autores como Freud, Klein, Bion, Kaës, dentre outros, se dedicam a aprofundar e compreender o conceito de vínculo. Se o vínculo na avosidade, estruturado em uma aliança de ordem geracional, é o que garante a transmissão da vida psíquica intergeracional (Kaës, 2011), então, as diversas situações familiares contraditórias também podem comparecer nesse vínculo e nessa transmissão, como as transmissões de objetos perdidos, não ditos ou não elaborados que acabam sendo repassados entre as gerações. Por outro lado, pode haver identificações e mecanismos de defesas, que sustentam e garantem a continuidade e a manutenção de vínculos, utilizados em um processo de conservação psíquica (Kaës, 2013). Sendo assim, no caso apresentado, a situação trágica da morte pode interferir no vínculo entre avó e neto, tanto por uma transmissão

de um material psíquico não elaborado entre as duas gerações, quanto por um compartilhamento de identificações e mecanismos de defesas atuantes em um processo de conservação da avó e do neto. Em um dos atendimentos, Maria relata: "*eu tenho que ser forte por ele, mas é difícil, eu sei que ele também sofre*", se referindo ao neto. Aqui, Maria nomeia uma identificação da dor e do sofrimento que ambos estão passando.

Na dupla vinculação ocorrem processos inconscientes e recalcados que colocam em cena o paradoxo, este, por sua vez, motiva ambivalências de condições opostas, como as expressadas inconscientemente nas fantasias dos desejos negados em contraste com as manifestações conscientes (Dias, 2021). No caso apresentado, o paradoxo coloca a avó frente a condições opostas manifestadas em desejos conscientes e inconscientes em relação a estar com o neto. Conscientemente: a avó quer suprir os cuidados parentais ao neto que é percebido como parte do filho, mas também tem que lidar com a perda e a falta ao saber que o filho não está mais vivo. Inconscientemente: o neto é colocado em um lugar na tentativa de preencher a falta do filho, mas também há sentimentos negativos como raiva, angústia e medo que perpassam essa relação, sendo também direcionados ao neto.

Durante os atendimentos, é importante destacar que Maria sempre estava vestida com camisetas com a foto do filho falecido estampada, algumas com a frase: saudades eternas. Maria vestia seu filho, como uma forma de carregá-lo no seu corpo, um filho que não estava mais em corpo presente, parecia que ela era o corpo dela e, ao mesmo tempo, o corpo do filho. Ao falar sobre o filho relata: "*Ele morreu com uma doença, era um pai muito presente, cuidava inclusive dos outros filhos dela*", se referindo aos enteados. Maria traz o quanto o processo de internação e doença do filho foi doloroso: "*esse foi um momento difícil, ver ele assim daquele jeito no hospital, quando aconteceu foi horrível*", se referindo ao falecimento do filho.

Na tentativa de uma simbolização e de elaboração da experiência que atravessa a morte do filho e a parentalidade assumida, a avó comunica algo aos outros ao estar sempre com a foto do filho em sua camiseta. Como nas palavras de Le Breton (2003, p.29) que traz a ideia de corpo como acessório "É preciso se colocar para fora para se tornar a si mesmo", assim, ao vestir a camisa com a foto do filho, a avó coloca para fora o filho, em uma tentativa de conectar as partes fragmentadas do próprio eu diante do sofrimento. Dessa maneira, a avó comunica através da roupa que usa, o que sente sobre o filho perdido e o desejo de trazê-lo consigo

ao ventre, como uma gestação, para que os outros o vejam e o lembrem. A experiência de poder gestar o filho perdido e de estar junto dele mostra uma tentativa psíquica a um trabalho de luto. Nesse sentido, uma outra face do paradoxo relacional se dá ao exercer a parentalidade ao neto concomitante com uma tentativa de elaboração da perda.

Na díade entre a avó e o neto, o paradoxo se expressa nesse sentimento de vida e de morte que acompanha a avó e que levanta as seguintes indagações: seria possível realizar um trabalho de luto em meio a responsabilidade de ocupar uma função parental inadiável? Ou, essa avó se sente impelida a dar conta do luto e do neto apressadamente?

Assumir as funções parentais diante da necessidade de um trabalho de luto coloca os avós em uma situação paradoxal pois, conforme Cremasco, Schinemann e Pimenta (2015) destacam, a perda de um filho é caracterizada por uma dor infindável, com uma elaboração impossível, uma vez que o filho é insubstituível. No caso em discussão, a avó é atravessada por uma dor e luto pela perda do filho que perpassa a relação com o neto e aparece na recordação do filho perdido. Essa dor vem da impossibilidade de reviver os momentos junto ao filho que não está mais presente, sendo que o neto suscita lembranças do filho morto e reforça ainda mais essa condição.

Ao pensar no luto no contexto da parentalidade é possível esboçarmos que esse seja envolvido também por um luto infinito, ou seja, uma imortalização do próprio processo de luto, terceira saída ao luto, proposto por Dunker (2019). Afinal, na ligação parental, há expectativas que decorrem das próprias projeções que os pais lançam sobre os filhos e a perda de um filho por óbito acarreta um descontinuamento dessa relação, sendo parte da mãe perdida também (Cremasco, Schinemann, & Pimenta, 2015). Além disso, os autores destacam que, ao perder um filho, abre-se uma ferida narcísica nos pais, mostrando a vulnerabilidade humana frente à perda do objeto amado, objeto em que há investimentos libidinais e intensos sentimentos, sendo insubstituível.

Ao perder o objeto amado, o Ego tem um trabalho de assimilar qual é o objeto de desejo perdido e fazer um reinvestimento psíquico da libido direcionada a esse objeto, visto que ele não existe mais (Dunker, 2019). No entanto, nesse caso, há uma dificuldade de realizar esse trabalho de luto, pois o neto, pela semelhança ao pai, demanda a avó a uma tentativa de substituição do filho pelo neto. A semelhança física de Lucas e do pai era sempre muito evidenciada por Maria: "*Ele é muito parecido com o pai, é o pai todinho*". Além disso, Maria trazia certo incômodo em relação à

semelhança de comportamentos entre Lucas e o pai. Era como se Lucas não pudesse se comportar igual ao pai, sendo visível nas falas e no comportamento de Maria o incômodo com tamanha semelhança: "*Estou falando isso de Lucas, mas meu filho também fazia da mesma forma*". E quando indago se isso deixa Maria irritada, ela responde apressadamente: "*Sim, mas ele é o meu neto e não meu filho. Era mais fácil antes, eu sabia o que fazer*". Maria traz que a grande semelhança entre ambos, o filho e o neto, a confunde na função que ela exerce: por vezes o neto é o filho, por vezes, é o neto, e Maria, por vezes, é a mãe e por vezes, é a avó. Além disso, para ela era mais fácil exercer os cuidados com o filho, pois sabia o que precisava ser feito. Ao contrário, exercer os cuidados ao neto, a deixa irritada por colocá-la nessa posição de dúvida e incerteza. Dessa forma, Maria, ao olhar para o neto, encontrava um pouco do filho. Há uma outra dimensão paradoxal que é explicitada em dois movimentos que o neto suscita na avó: a semelhança ao pai que trazia um acalento e consolo em meio à sua dor e a semelhança ao pai, o que a fazia nunca esquecer que o filho não estava mais presente. A semelhança entre ambos não era apenas física, pois filho e neto também compartilhavam o mesmo nome, um paradoxo que atravessa a relação entre Maria e seu neto Lucas.

Um outro aspecto paradoxal dessa relação entre avó e neto se configura na diferença geracional entre ambos. A parentalidade exercida por avós mais velhos engloba uma particularidade desses avós que estão assumindo essa função, pois ao mesmo tempo que são da família, apresentam uma diferença importante de idade. No caso apresentado, a diferença de idade entre Maria e Lucas é de 60 anos. Essa diferença física apareceu no decorrer dos atendimentos em que Maria trazia comportamentos de Lucas que a irritavam fortemente e que a deixavam sem paciência. A exemplo, Maria falava da agitação, da fala alta e das perguntas que Lucas fazia sobre a vida: "*ele fica mexendo com os braços e vai me dando um negócio, uma sensação ruim dentro de mim*". Aqui, torna-se importante lembrar que, para além de todos os aspectos psíquicos que envolvem o trauma e a parentalidade frente a um trabalho de luto, há as dificuldades impostas pelo próprio envelhecimento.

O investimento parental de um adulto mais velho é atravessado por desafios da própria condição de estar envelhecendo. Essa condição coloca o idoso frente a um processo de luto, tanto pelas perdas físicas da idade, como dificuldades de caminhar, diminuição da visão e da memória, contrastando com a pessoa que um dia foi, quanto pelas perdas de laços que vão se limitando com o tempo (Carneiro & Jorge,

2023). Os autores colocam que as perdas da velhice confrontam o que foi idealizado na juventude, a saber, desfrutar de uma vida sem sofrimento. O paradoxo ocorre justamente por se deparar com as dificuldades que são características do envelhecimento. No entanto, essas dificuldades destoam do exercício de uma parentalidade, pois pressupõe-se que a função parental será realizada por alguém mais jovem.

Por fim, destaco o paradoxo da temporalidade em que o evento traumático do passado impõe uma exigência de fazer o luto do filho ao assumir as funções parentais ao neto no presente. Esse neto torna-se uma presentificação dolorosa do trauma da morte do filho. Ao pensar sobre a temporalidade do trauma, Cidade e Zornig (2016) destacam que a recordação que o sujeito tem sobre o evento corresponde a algo que foi processado e transformado psiquicamente e não ao fato exato em si. No caso apresentado, a situação traumática da morte do filho, acontecida no passado, vem sendo transformada e modificada psiquicamente à medida que a avó vivencia a parentalidade com o neto, acarretando uma transformação e modificação do evento traumático. Neste sentido, as autoras ainda sublinham que "uma experiência passada pode ser ressignificada em um contexto de experiência atual. É no a posteriori que vivências e acontecimentos do passado ganham novas configurações" (p. 41). Assim, o trauma ganha uma potência de transformação com o passar do tempo através de uma mesclagem entre passado e presente. A parentalidade ao neto permite que a avó vivencie o trauma novamente, pois o neto presentifica esse trauma, ao mesmo tempo que permite uma transformação e ressignificação psíquica da situação vivenciada.

Os inúmeros desafios impostos por esses paradoxos relacionais que surgiram na parentalidade entre avó e neto motivou Maria a procurar o atendimento psicológico da cidade em que morava. Por isso, o serviço institucional da psicologia disponibilizado pela rede escolar do município serviu como um apoio e um suporte para dar conta desse paradoxo. Em vários momentos do atendimento, Maria verbalizou: "*eu estou aqui porque preciso de alguma ajuda com esse menino, que você me diga o que fazer*". Dessa forma, é importante destacar o papel das instituições no suporte da função parental, visto que a parentalidade traz inúmeros desafios a quem a exerce, especialmente quando os avós assumem essa função. No caso apresentado, o pedido de guarda do neto foi decisão e iniciativa da avó. E a partir dessa decisão, de ocupar o lugar parental novamente, Maria se depara com desafios que foram se diluindo ou se transformando ao longo dos atendimentos, sinalizando que a função parental na

avosidade é dinâmica e atravessada de consonâncias e inconsonâncias. A possibilidade de acolhimento em um setting terapêutico possibilitou que Maria conseguisse sustentar esse paradoxo abrindo novos caminhos para exercer a parentalidade diante dos papéis de mãe e de avó. Em um dos atendimentos, Maria expressou: "*Agora é diferente, nós somos responsáveis pela educação dele* (de Lucas) ", evidenciando uma mudança de papel que eles ocupavam na vida de Lucas e sinalizando uma elaboração de ocupar essa nova posição.

Embora o paradoxo relacional se dê em situações antagônicas, contrárias e até mesmo incertas, é possível perceber que o paradoxo instaurado frente ao exercício da parentalidade de Maria diante da situação trágica da morte não é necessariamente algo negativo. Esse paradoxo de exercer a parentalidade ao neto parece resgatar essa avó de uma situação trágica e possibilita que ela continue sustentando um investimento na vida. Investimento que precisa atravessar a parentalidade na avosidade e a elaboração de uma situação traumática vivenciada.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A parentalidade exercida por avós inscreve a criança em um pertencimento familiar e em uma genealogia, ao mesmo tempo que denuncia a falta de uma geração, ou seja, uma falha parental que não foi sustentada. Ao tratarmos da parentalidade exercida por avós diante da situação trágica como a morte de um filho, é possível dizer que esses avós precisam lidar com uma dupla tarefa: suportar a própria dor e angústia e administrar os cuidados parentais aos netos. E nessa dupla tarefa instauram-se paradoxos que confrontam a avó constantemente na parentalidade que ela tem que exercer. Desta forma, este trabalho construiu uma reflexão sobre como ocorre a parentalidade na avosidade diante de uma situação trágica e os paradoxos relacionais impostos por essa situação.

Em uma referência a Freud sobre o luto, já anteriormente abordado, tendo em vista que o objeto amado não está mais presente, é necessário um trabalho que possibilite a retirada da libido desse objeto (Freud, 1917/2010). As indagações que ficam são: seria possível uma desvinculação desse objeto amado, posto que o neto lembra, através da semelhança física e do próprio nome, que o filho está morto? Ou é possível dizer que a situação paradoxal da parentalidade e do trabalho de luto é o que solicita esta mulher a se manter investida na vida?

O que parece é que toda a mobilização de um trabalho psíquico

frente a esse paradoxo é o que convida esta avó a permanecer investida na vida. Neste sentido, o trauma também teria uma potencialidade transformadora, pois conforme Cidade e Zornig (2016, p. 30) destacam "o processo traumático pode levar à produção de narrativas subjetivas na medida em que desestabiliza, momentaneamente, as construções psíquicas operantes, tornando-se capaz de modificar formas, sentidos e significações na vida do sujeito". Em vista disso, a função parental que essa avó assume junto a seu neto com a morte de seu filho possibilita um reinvestimento psíquico de gozo na vida dessa avó. O paradoxo, embora tenha questões antagônicas, também abre caminhos para o sujeito lidar com a perda, com o luto e com a experiência do traumático por meio de um trabalho de elaboração. Há um trabalho psíquico que essa avó precisa fazer, visto que os cuidados parentais a impedem de paralisar-se e impõe a necessidade e urgência de continuar um investimento na vida.

REFERÊNCIAS

Backhouse, J. & Graham, A. (2013). Grandparents Raising Their Grandchildren: Acknowledging the Experience of Grief. *Australian Social Work*. 66.

Bateson, G., Jackson, D. D., Haley, J., & Weakland, J. (1956). Toward a theory of schizophrenia. *Behavioral science*, *1*(4), 251-264. https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/bs.3830010402

Birman, J. (2022). Trauma, subjetivação e governabilidade na pandemia do Coronavírus. *Tempo Psicanalítico*, *54*(1), 189-201. https://tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/643

Carneiro, R. H., & Jorge, M. A. C. (2023). Sobre velhices e lutos. *Trivium*, *1*(1), 111-122. https://ojs.uva.br/index.php/trivium/article/view/384

Charazac. P. & Charazac-Brunel, M. (2020). L'accession Du Couple À La Grand-Parentalité Et La Transmission Entre Générations. *Dialogue*, *230* (4), 65-79. https://www.cairn.info/revue-dialogue-2020-4-page-65.htm

Cidade, N. O. P. & Zornig, S. A. (2016). Trauma, temporalidade e inscrição psíquica. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, *38*(35), 29-47. http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v38n35/v38n35a02.pdf

Coelho, R. (2020). Trauma, angústia e desamparo: contribuições da psicanálise à saúde mental no trabalho. *Psicanálise & Trabalho*, *53*.

Corrêa, C. P. (2006). O trágico e a tragédia, vinculação e escolha. *Cógito*, *7*, 41-47. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-94792006000100007&script=sci_abstract&tlng=pt

Cremasco, M. V. F., Schinemann, D., & Pimenta, S. D. O. (2015). Mães que perderam filhos: uma leitura psicanalítica do filme Rabbit Hole. *Psicologia: ciência e profissão*, *35*, 54-68. https://www.scielo.br/j/pcp/a/L7kmJggg3TzjLX4GxBYfqNp/abstract/?lang=pt

Deus, M. D. & Dias, A. C. G. (2016). Avós cuidadores e suas funções: uma revisão integrativa da literatura. *Pensando familias*, *20*(2), 56-69. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000100009

Dias, M. L. (2021). Duplo Vínculo. In R.B Levisky, M.L. Dias & D.L. Levisky (Orgs.), *Dicionário de psicanálise de casal e família*, (135- 138). Editora Blucher.

Dunker, C. I. L. (2019). Teoria do luto em psicanálise. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, *8*(2), 28-42. https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/226

Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico*. Martins Fontes. (Original publicado em 1985 [1932]).

Figueiredo, L. C. (2009). As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea. In *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea* (pp. 231-231).

Figueiredo, R., Araújo, L., & Amante, M. J. (2022). Quando os avós são, e têm de ser pais dos netos-revisão da literatura. In C. Magalhães, M. J. Amante, P. Xavier, S. Fonseca (Orgs.). *Políticas e Respostas para Crianças e Jovens em risco III - Da Prevenção à promoção da Autonomia*, (pp. 50-84). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

Freud, S. (1980). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação Preliminar. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 2., L. Barreto, Trad.). Companhia das Letras.

Freud, S. (2010) Luto e melancolia. In S. Freud, E*dição Standard Brasileira das Obras Completas* (Vol. 12, P. C. de Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).

Freud, S. (2013). *Freud - As pulsões e seus destinos – Edição bilíngue*. Autêntica.

Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In P. C. Souza (Coord.), *Obras completas* (Vol. 17, pp. 13-123). Companhia das Letras. (Original publicado em 1926).

Gomes, I. C. & Zanetti, S. A. (2009). Transmissão psíquica transgeracional e construção de subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular, *Psicologia USP*, *20*(1), 93-108. https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/41990

Gorin, M. C., Mello, R., Machado, R. N., & Carneiro, T. F. (2015). O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Revista da SPAGESP*, *16*(2), 3-15. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200002

Gratton, E., & Schneider, B. (2020). La grand-parentalité à l'épreuve de la diversité. *Dialogue*, *4*(230), 9-17. https://www.cairn.info/revue-dialogue-2020-4-page-9.htm

Guimarães, R. M., & Bento, V. E. S. (2008). O método do "estudo de caso" em psicanálise. *Psico*, *39*(1), 91-99. https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1484/2800

Gutierrez, D. M. D., Castro, E. H. B. & Pontes, K. D. D. S. (2011). Vínculos mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. *Revista do NUFEN*, *3*(2), 3-24. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000200002

Gutton, P. (2006). Parentalité. *Adolescence*, *24*(1), 9-32. https://www.cairn.info/revue-adolescence-2006-1-page-9.htm

Houzel, D. (2003). Un Autre Regard Sur La Parentalité. *Enfances & Psy. 21*(1), 79-82. https://www.cairn.info/revue-enfances-et-psy-2003-1-page-79.htm

Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In Solis-Ponton, L. (Org.). *Ser pai, ser mãe - Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio.*

Casa do Psicólogo.

Houzel, D. (2010). *Transmission psychique (La): Parents et enfants*. Odile Jacob.

Kaës, R. (2011). A realidade psíquica do vínculo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, *45*(4), 155-166. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0486-641X2011000400017

Kaës, R. (2013). Dispositifs Psychanalytiques et Émergences du Générationnel. In A. Eiguer & R. Kaës, (Orgs.), *Le générationnel*. (pp. 1-9). Dunod.

Lacerda, C. B. S. (2020). *O papel das avós no sistema de relações familiares: estudo qualitativo transcultural Portugal – Brasil* [Dissertação de Mestrado, Universidade Beira Interior]. Repositório Digital da Universidade Beira Interior. https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/11055

Lamanno Adamo, V. L. C. (2021). Trauma Familiar. In R.B Levisky, M.L. Dias & D.L. Levisky (Orgs.), *Dicionário de psicanálise de casal e família*, (544-546). Editora Blucher.

Le Breton, D. (2003). O corpo acessório. In D. Le Breton, *Adeus ao corpo* (pp 27- 54). Papirus Editora.

Levisky, R. B. (2021). Vínculo. In R.B Levisky, M.L. Dias & D.L. Levisky (Orgs.), *Dicionário de psicanálise de casal e família*, (556-566). Editora Blucher.

Lima, C. A. S. & Junior, A. R. (2014). O processo de reparação na mudança da avosidade para a parentalidade baseado na custódia e educação dos netos. *Revista Educação-UNG-Ser*, *9*(1), 61-83. http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/1622/1311

Magdaleno Júnior, R. (2016). Luto e Melancolia: Um texto em expansão. *Revista de estudo psicanalíticos*, *34*(1), 277-292. https://www.spbsb.org.br/site/images/Novo_Alter/2014_2015_2016/Luto_e_Melancolia.pdf

Mainetti, A. C., & Wanderbroocke, A. C. N. D. S. (2013). Avós que assumem a criação de netos. *Pensando famílias*, *17*(1), 87-98. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-494X2013000100009&script=sci_abstract

Maldonado, G., & Cardoso, M. R. (2009). O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias. *Psicologia*

clínica, *21*, 45-57. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-56652009000100004&script=sci_abstract

Mello, C. O., & de Santis, M. F. B. (2015). A dimensão da parentalidade no tratamento do paciente adulto. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, *17*(3), 17-28. https://cdn.publisher.gn1.link/rbp.celg.org.br/pdf/v17n3a03.pdf

Melo, C. V., Magalhães, A. S., Carneiro, T. F., & Machado, R. N. (2017). As dimensões da comunicação na obra freudiana. *Contextos Clínicos*, *10*(2), 235-246. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822017000200009

Menelaou, I. (2019). The madness of''The Murderess'. *RHiME*, *6*, 86-91.

Pais, V. A. G. (2013). *O papel dos avós: como percebem os avós a sua importância na educação dos netos* [Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra] Repositório Digital da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. http://repositorio.esenfc.pt/?url=mAg1MM90

Papadiamantis, A. (1995). *Les petites filles et la mort*. Actes Sud.

Passos, C. F., Neves, A. S., & Menezes, L. S. A. D. (2018). Prolegômenos do desamparo na psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, *21*, 525-544. https://www.scielo.br/j/rlpf/a/KkbNGcx4VqJkrRDRP7wdBbD/abstract/?lang=pt

Pinto, K. L. B., Arrais, A. D. R., & Brasil, K. C. T. R. (2014). Avosidade x maternidade: a avó como suporte parental na adolescência. *Psico-USF*, *19*, 37-47. https://www.scielo.br/j/pusf/a/Xtjf6dQBqrQW6bGjcL4hYNv/abstract/?lang=pt

Rache, E. (2008). O início do trabalho do paradoxo na clínica psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, *42*(1), 74-81.

Ramos, N. (2017). Família, solidariedade e relações intergeracionais e de gênero: Avós e netos na contemporaneidade. In L. V. C. Moreira, E. P. Rabinovich & M. N. Ramos (Orgs.), *Pais, avós e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea* (227-247). Editora CRV.

Rombaldi, V. (2013). Reflexões sobre a avosidade na contemporaneidade. In Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Ed.), *Jornada do Percurso de Escola XI (II)* (55-64). Correio do APPOA.

Roussillon, R. (2005). P*aradoxes et situations limites de la psychanalyse.* Presses Universitaires de France.

Sampaio, M. A. P., Pereira, S. D. R. B., Osório, N. B., & Neto, L. S. S. (2021). A construção da avosidade na literatura científica brasileira: uma revisão integrativa de literatura. *Brazilian Journal of Development*, *7*(3), 24565-24576. https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/26126

Schroeder, V. (2006). *O paradoxo na comunicação humana: múltiplos e duplos vínculos* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/15309

Scremin, A. L. X., & Bottoli, C. (2016). Avós e netos: o exercício de uma parentalidade. *Barbarói*, *48*(1), 234-252. https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/5486

Silva, C. C. F. M. (2014). *Os avós e os netos: um encontro de diferentes tempos verbais* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Intitucional da Universidade Estadual Paulista. https://repositorio.unesp.br/items/94a14765-0b11-4765-afb8-9e2c30b4ec16

Veludo, C. M. B., & Viana, T. D. C. (2012). Parentalidade e o desenvolvimento psíquico na criança. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, *22*(51), 111-118. https://www.scielo.br/j/paideia/a/KhxTLrpqHcTq5ZGMPMM5B3F/abstract/?lang=pt#

Villani, A. (1999). Psicanálise e educação: tarefas" intrigantes"?. *Estilos da Clínica*, *4*(6), 126-137. https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/60792

Winnicott, D. W. (1958). A capacidade de estar só. In D.W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (I. C. S Ortiz, Trad., pp. 31-37). Artes Médicas.

Wu, Q., Xu, Y., & Jedwab, M. (2021). Custodial grandparent's job loss during the COVID-19 pandemic and its relationship with parenting stress and mental health. *Journal of Applied Gerontology*, *40*(9), 923-933.

Zornig, S. M. A. J. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, *42*(2), 453-470.